

**ELEMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICA, DE FATO!****ELEMENTOS PARA UNA EDUCACIÓN FÍSICA CRÍTICO, DE HECHO!****ELEMENTS FOR A CRITICAL PHYSICAL EDUCATION, IN FACT!**

Thiago Barreto Maciel<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende fomentar o debate teórico com os professores que reivindicam a Pedagogia histórico-crítica e a abordagem crítico-superadora na Educação Física. Possui como tese central que a Educação Física crítica brasileira necessita, ainda, dar saltos qualitativos na sua forma de organização e intervenção na realidade. Para tanto o presente trabalho procura compreender o papel e a natureza do processo educativo e do papel do professor à luz de alguns fundamentos e categorias centrais do materialismo histórico dialético.

**Palavras-chave:** Pedagogia Histórico-crítica; abordagem crítico-superadora; materialismo histórico dialético.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo promover el debate teórico con los maestros que reivindican la pedagogía histórico-crítico y el enfoque crítico-superador en Educación Física. Tiene como tesis central que la educación física crítica brasileña también debe dar un salto cualitativo en su forma de organización e intervención en la realidad. Por lo tanto, este trabajo busca entender el papel y la naturaleza del proceso educativo y el papel del profesor en la luz de algunos de los fundamentos y de las categorías fundamentales del materialismo histórico dialético.

**Palabras clave:** Pedagogía Histórico-crítica; enfoque crítico-superador; materialismo histórico dialético.

**Summary:** This article intends to promote a theoretical debate with teachers who claim historical-critical pedagogy and critical-surpassing approach in Physical Education. It has as its central thesis that Brazilian physical education criticism need also take a qualitative improvement in its form of organization and intervention in reality. Therefore this paper seeks to understand the role and the nature of the educational process and the teacher's role in face of some fundamentals and core categories of dialectical historical materialism.

**Keywords:** Pedagogy Historical-critical; critical-surpassing approach; historical materialism dialectical.

### **Introdução**

O presente artigo pretende fomentar o debate teórico no que chamaremos aqui de Educação Física crítica, em especial, daqueles que reivindicam a Pedagogia Histórico-Crítica e/ou a abordagem crítico-superadora. Essa preocupação perpassa a nossa formação e atuação na área e toma maior fôlego ao longo do tempo, se tornando mais pertinente do que nunca na atualidade.

A tese central deste trabalho é apontar que a Educação Física crítica brasileira necessita, em conjunto, ainda, dar saltos qualitativos na sua forma de organização e intervenção na realidade. Essa necessidade se faz a fim de conseguirmos contribuir na luta contra o sistema capitalista, em geral, e, na nossa especificidade, contra os inimigos da educação pública, gratuita e de qualidade. Além, também, da luta contra a *burguesia do fitness* (COIMBRA, 2009) e os seus aparelhos, os quais fazem ingerências diretas

no campo da Educação Física e das diversas manifestações da cultura corporal. Em maior instância o trabalho motiva-se na luta contra o modo de produção capitalista.

Assim, resume-se a importância desse artigo uma vez que para nós se mostra imprescindível resgatar a tradição da esquerda de se fomentar o debate franco entre aqueles que se afinam com a mesma concepção de mundo. Saviani (2012), expressa que “... a análise crítica e o debate das posições são um elemento integrante da tradição marxista, constituindo-se num procedimento crucial para refinar a teoria e as estratégias revolucionárias e para fazer avançar o conhecimento.” (p. 167).

Entendemos que os setores conservadores e reacionários possuem uma grande organicidade e, queiramos ou não, se movimentam no sentido militante de organizar o mundo segundo seus objetivos de classe. Porém a nós fica o questionamento, por que e como nos movimentar para combater os interesses antagônicos àqueles da classe trabalhadora?

O conceito político de *esquerda* é, por vezes, amplo e fluido, portanto nos ateremos aqui, neste trabalho, a uma vertente da esquerda em especial, aquela que reivindicamos: *o materialismo histórico dialético*. Por ora nos limitamos a sinalizar ser a vertente epistemológica que se materializa no campo educacional dentro da denominada *Pedagogia Histórico-Crítica*<sup>2</sup> e, de forma mais específica, se materializa na Educação Física brasileira na abordagem *crítico-superadora* (COLETIVO DE AUTORES, 1992; REIS et al, 2013)<sup>3</sup>.

Em síntese, entendemos que dentre as tarefas colocadas pela realidade aos professores que abraçam a abordagem crítico-superadora, devemos

[...] enfrentar os problemas que persistem na educação física e no trato com o conteúdo e as barreiras para sua legitimação no currículo escolar, a saber: a) a persistência do dualismo corpo-mente; b) a banalização do conhecimento da cultura corporal; c) a restrição do conhecimento oferecido aos alunos; d) a redução do tempo destinado à educação física na prática escolar; e) a utilização de testes padronizados – exclusivos para aferir o grau de habilidades físicas, objetivando a seleção precoce de talentos; f) a adoção da teoria da “pirâmide” como teoria educacional; g) a falta de uma teoria pedagógica construída como categorias da prática; h) a falta de uma reflexão aprofundada sobre o desenvolvimento da aptidão física e sua pretensa contradição com a reflexão sobre a cultura corporal. (TAFFAREL, 2009, s.p.)

Completamos a passagem acima expondo que são princípios importantíssimos, mas são apenas alguns dentre aqueles postos aos professores de Educação Física que se referenciam no *marxismo*. À luz da categoria da totalidade, a qual compreende o objeto como aquele que “[...] ao mesmo tempo manifesta e é manifestação das relações sociais mais amplas presentes nesta etapa do desenvolvimento do processo produtivo [...]” (KUENZER, 1998, p. 64), percebemos que outras tarefas de lide mais ampla também se colocam como necessidade revolucionária ao professor, seja no plano da própria Educação Física e diversas manifestações da cultura corporal, seja no campo educacional, seja no âmbito das políticas públicas de esporte e lazer, seja ainda no campo da saúde e da sociedade em seu sentido mais amplo. Entende-se a necessidade da luta para além, de somente, a especificidade da área. Assim, a questão central que nos motiva ao presente trabalho é: *como realizar essas transformações sociais radicais?*

No que tange à compreensão das teorias educacionais, Saviani (2006) no início da década de 1980 já as classificava basicamente em três grupos: o primeiro é daquelas que, num espectro mais geral, são denominadas de *teorias não-críticas*, as quais têm em comum, dentre todas as pedagogias classificadas

como tal, o entendimento de ser a escola o *locus* principal para equacionamento social. Delegam à escola o papel de resolver a questão da marginalidade na sociedade e os demais problemas sociais. Em suma esse grupo

[...]concebe a marginalidade como um desvio, tendo a educação por função a correção desse desvio. A marginalidade é vista como um problema social e a educação, que dispõe de autonomia em relação à sociedade, estaria, por esta razão, capacitada a intervir eficazmente na sociedade, transformando-a, tornando-a melhor, corrigindo as injustiças; em suma, promovendo a equalização social. Essas teorias consideram, pois, apenas a ação da educação sobre a sociedade. (SAVIANI, 2006, p.15)

No outro extremo temos aquelas denominadas *teorias crítico-reprodutivistas* as quais invertem a lógica de entendimento do papel da educação na sociedade. Entendem haver uma íntima relação entre os antagonismos de classe e a escola, o que as permite a alcinha de críticas, no entanto não consideram haver margens para a disputa por hegemonia e a evidencição de contradições dentro da escola, impelindo, em última instância, que ela e o papel que desempenha de reprodução só mudarão quando, de fato, houver uma mudança estrutural na sociedade. A escola se torna refém dos determinantes político-econômicos macroestruturais. Para essa concepção a escola “atualmente se torna cada vez mais discriminadora e repressiva. Todas as reformas escolares fracassaram, tornando cada vez mais evidente o papel que a escola desempenha: reproduzir a sociedade de classes e reforçar o modo de produção capitalista.” (SAVIANI, 2006, p. 15). Tal consideração não permite que formulem propostas pedagógicas para a escola, mas tão somente uma teoria interpretativa da realidade.

Por fim, destacamos o terceiro posicionamento – o qual reivindicamos – frente à função da escola. Trata-se da *teoria crítico transformadora* ou, mais especificamente, a *Pedagogia histórico-crítica*.

Essa concepção parte dos pressupostos que o modo de produção capitalista a tudo privatiza, privando à classe trabalhadora o acesso pleno aos meios de produção. Elucidamos essa afirmação a partir de uma passagem do clássico *O Manifesto Comunista*, que afirma:

Todas as classes precedentes, que tiveram o comando, procuram garantir suas oposições sujeitando a sociedade em geral às suas condições de apropriação. Os proletários não podem se tornar patrões das forças produtivas da sociedade, exceto abolindo seus próprios meios de apropriação anteriores e, de tal modo, também todos e quaisquer outros modos de apropriação anteriores. Eles nada têm para assegurar e fortificar. A missão deles é destruir todas as garantias e seguranças da propriedade individual. (MARX e ENGELS, 1998, p. 26)

A partir dessa compreensão temos o entendimento que, nos atuais marcos do modo de produção capitalista, da mesma forma que há a apropriação privada da terra ou das indústrias, há também, dentre outros meios de produção, a apropriação privada do conhecimento. É essa a determinação fulcral entre o modo de produção capitalista e a escola contemporânea, a negação do conhecimento, enquanto um meio de produção, para a classe trabalhadora. Sobre essa relação compreendemos que

O papel da educação escolar na luta pelo socialismo define-se pela importância do conhecimento na luta contra o capital e na busca da formação plena do ser humano. Lutar pelo socialismo é lutar pela socialização da propriedade dos meios de produção. (DUARTE, 2012, p. 153).

A socialização do conhecimento passa, portanto, por ser uma condição premente na luta pelo socialismo. Essa leitura da realidade nos faz afirmar que – em contraposição às teorias educacionais não-

críticas e crítico-reprodutivistas – a contribuição da escola na luta contra o capital é justamente na garantia da sua função precípua, ou seja, “...o ato de produzir, direta e intencionalmente em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.” (SAVIANI, 1997, p. 11). Trata-se, portanto, de combater aquelas teorias pedagógicas que rebaixam a qualidade do ensino destinado aos filhos da classe trabalhadora e se afinam com os interesses hegemônicos.

Assim, este artigo se destina ao diálogo justamente com esses professores que comungam do nosso mesmo entendimento da função social da escola.

Valendo-se das categorias do materialismo histórico dialético a concepção crítico-transformadora vai além das anteriores, pois compreende a escola como resultante das relações sociais mais amplas, havendo espaço, no entanto, para o embate de projetos de formação humana e para a luta por uma educação de qualidade sob o ponto de vista dos dominados.

A essa escola cumpre a função de socializar o conhecimento historicamente construído e constantemente negado à classe trabalhadora, a fim de se elevar as funções psíquicas superiores dos alunos, porém tendo em vista a concepção dialética de que a transformação político e econômica são imprescindíveis ao rompimento com o modo de produção capitalista.

Para a Pedagogia histórico-crítica, é preciso educar para contribuir com o desafiador e difícil processo de valorização da vida humana, e não das coisas, e construção da emancipação. Sua perspectiva é oferecer aos educadores do campo crítico uma alternativa teórica e metodológica para a construção da mudança, valorizando a instituição escolar em um espaço rico e dinâmico de ensino-aprendizagem repleto de sentidos e significados para os que precisam romper com a dominação e exploração de classes. (MARTINS, 2013, p. 43 in REIS et al, 2013)

Logo, aqui há o entendimento de que o papel da sociedade e da educação é dinâmico. Trata-se de uma concepção dialética, para a qual o modo como a sociedade de classes se organiza influencia diretamente na escola e no seu papel, mas que, no entanto, há uma via de mão dupla, pois a escola também possui uma missão importante na busca pela transformação da sociedade.

Aqui andam de mãos dadas a luta por uma educação que cumpra o seu papel de formar os filhos da classe dominada – sob o ponto de vista de rompimento dessa exploração – e a luta teórica, política e econômica por uma sociedade socialista, a qual, será a única que poderá garantir as pautas reivindicatórias da classe trabalhadora.

Assim, faz-se necessário frisar que a Pedagogia Histórico-crítica vai além de uma proposta de melhoramento dos procedimentos metodológicos do chão da escola como se fosse a revolução *per se*, mas necessita, concomitantemente, de atividade-militante, ou, caso contrário, cairia no mesmo limite das teorias não críticas. Por outro lado, não abandona a luta por um processo ensino-aprendizagem que garanta aos alunos o conhecimento historicamente sistematizado, senão também cairia nas amarras das teorias crítico-reprodutivistas. Exposto isso, esclarecemos o princípio fundamental de que se não acreditamos na escola como redentora também não podemos delegar a ela todo o papel da revolução socialista, ela é uma mediação, dentre outras, ainda que com uma função muito importante.

A partir do prolegômeno acima retomamos a tese inicial deste trabalho dentro da qual afirmamos que o campo crítico da Educação Física necessita, em conjunto, ainda, dar saltos qualitativos na sua forma de organização e intervenção na realidade. Por que afirmamos isso?

Se partirmos do entendimento supracitado sobre o que é ser crítico-superador, ou seja, reivindicar a Pedagogia Histórico-crítica dentro da Educação Física, estará bem claro para nós que para além da luta e disputa teórica temos de nos debruçar, também, na luta política e econômica pela destruição do modo de produção da vida burguês. Lênin (2010) apoiado nas contribuições de Engels demonstra a suma importância da luta teórica dentro do movimento social-democrata na Europa da segunda metade do século XIX o qual sob a frase “Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário” (p. 81) expressa a importância da produção teórica para combater quaisquer tentativas de rebaixamento do programa do partido ou para evitar o equívoco de se cair em um espontaneísmo. Se é verdade que isso demonstra a relevância da disputa e da instrumentalização teórica, também o é que em toda a sua obra expressa a necessidade de elevar, também, a um grande patamar de importância as lutas econômicas e políticas.

Assim, se por um lado os crítico-reprodutivistas se debruçam e só enxergam como saída as disputas econômico-políticas, nós também damos um grande valor à disputa teórica, entendida aqui como o conhecimento desenvolvido em sala de aula, as produções acadêmicas e/ou a produção de matérias, panfletos, jornais e afins.

Porém, em que ponto se manifesta a contradição central, para nós, em parte dos professores que reivindicam a Pedagogia Histórico-crítica? Reside justamente no fato de reivindicarem uma concepção de mundo para além das amarras do capital, mas em sua práxis cotidiana acabarem por se debruçar somente na busca por um processo ensino-aprendizagem que contemple os interesses históricos da classe trabalhadora e/ou se limitam por fazer esse embate no campo teórico, muitas vezes apenas nas disputas acadêmico-científicas, como se fossem elementos suficientes, por si só, de sua contribuição para a transformação da realidade, a despeito de destacarmos que essas contribuições têm a sua devida importância e relevância. Não se trata de descartá-las. Entretanto, esse tipo de intelectualismo manco se perde, a nosso ver, de alguns princípios básicos do *marxismo*.

Temos a tese que essa quebra do entendimento da atividade-militante do marxismo possui forte influência do surgimento e constituição da chamada *Escola de Frankfurt* e as suas implicações no marxismo ocidental. Essa escola, devido à herança repressiva que sofreu do nazi-fascismo e do stalinismo, foi a primeira geração herdeira do marxismo

[...] sem prática política. A escola de Frankfurt expressa a inserção acadêmica do marxismo, sem articulação direta com partidos e a prática. Um paradoxo para um pensamento que se quer transformador da realidade. Essas gerações se sucederam, primeiro com pensadores solitários, depois com inserção acadêmica, fenômeno que se institucionalizou e perpetuou o marxismo como componente do saber universitário. Esta amputação da sua dimensão prática afeta a própria teoria, sua capacidade de orientar a transformação da realidade (SADER, 2008, p. 42).

O caráter não-militante dessa escola interfere diretamente na forma de se enxergar o mundo, principalmente por, em última instância, deslocar de suas análises a centralidade da categoria *trabalho* em

seu caráter onto-histórico. Para tanto, a base ontológica/epistemológica da Teoria Crítica, fruto dessa escola, “[...] não é o proletariado (como Lukács) mas a essência humana, negada e oprimida pelo capitalismo” (LÖWY, 2009, p.175). Para Löwy “o ‘fundamento último’ da Teoria Crítica não se encontra no passado, nem no presente ou no futuro, mas acima e além da história.” (2009, p. 193).

Cabe ressaltar que partimos da concepção de superação por incorporação. Portanto, não perdemos de vista e, quanto menos descartamos, os avanços produzidos pela *Escola de Frankfurt*. No entanto expressamos aqui as suas reais limitações, por entender que ao abrir mão de um ponto fundamental, ou seja, a prática política em organizações que não somente a acadêmica, fez/faz com que tenham um limite claro para uma atividade de real transformação social, uma atividade revolucionária<sup>4</sup>. Esse é o primeiro ponto de diálogo com os professores da Educação Física que reivindicam a abordagem crítico-superadora: se nós, a partir da nossa compreensão de mundo, não avançarmos nesse tipo de construção e entendimento da importância da militância, quem avançará?

Há uma contradição latente nos professores que reivindicam o *marxismo, a Pedagogia Histórico-crítica* e a *abordagem crítico-superadora*, mas que não constroem organicamente em nenhum movimento social, em nenhum sindicato e/ou nenhum partido político de esquerda. Rompem com a categoria da *práxis*.

Se o nosso referencial teórico entende que “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual” (MARX, 2008, p. 45) e, portanto, “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” (MARX, 2008, p. 45) também entendemos que a consciência dos interlocutores que aqui pretendemos dialogar também é pressionada pelos valores e morais deturpados da sociedade burguesa e sofrem, por consequência, toda uma pressão do *modus vivendi* pequeno-burguês.

Daí a nossa compreensão de que muitos professores alinhados ao nosso referencial, sem perceber, acabam se atendo somente ao avanço da produção no campo da prática pedagógica, ou, se prendem a apenas fazer o embate no plano teórico. Temos de avançar também na organização e intervenção na luta nos campos econômico e político.

Nossa preocupação se torna mais pertinente do que nunca na atualidade. Isso se dá devido à nova conjuntura nacional. Após as *manifestações de junho de 2013* houve um giro no quadro político brasileiro, levantando-se a hipótese, inclusive, de poder ter sido aberta uma situação pré-revolucionária (ARCARY, 2013, s.p.)<sup>5</sup> no país. Isso posto, voltamos à tese central, de que o embate teórico/acadêmico, por si só, não será suficiente para as transformações radicais necessárias ao nosso modo de organizar a vida e, em consequência, na busca de uma Educação e Educação Física de qualidade. Está posta uma tarefa histórica a qual devemos ser protagonistas diretos, resgatar a concepção dialética que a transformação tem que ser feita por nós, conjunto da classe trabalhadora, tanto de dentro e por dentro da escola como por fora dela. Transformar o particular para transformar o geral, transformar o geral para transformar o particular.

Portanto, seremos coerentes com o nosso método e só serão possíveis transformações reais se, sim, continuarmos avançando nas lutas internas à escola e ao espectro teórico/acadêmico, mas também se

nos debruçarmos e nos organizarmos em entidades de lutas coletivas como os sindicatos dos trabalhadores, os movimentos sociais e os partidos de esquerda.

Dentro da própria Educação Física brasileira existem dois movimentos sociais os quais, dentro da conjuntura e perante as estruturas que enfrentam, podemos afirmar que são fortes e vêm cumprindo o seu papel, como o Movimento Estudantil de Educação Física, sempre à vanguarda das lutas estudantis e o Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física (MNCR). Ambos são movimentos essenciais para as bandeiras que a esquerda da Educação Física levanta, como a luta pela *formação unificada*, a luta contra os *megaeventos esportivos* e as suas drásticas consequências sociais e a luta contra a *regulamentação da profissão, em favor da regulamentação do trabalho*. Do outro lado da trincheira há, dentre outros, o sistema CONFEF/CREF, um dos “organismos representantes da burguesia do âmbito do *fitness*”. (COIMBRA, 2009, p. 114).

Vale aqui um breve desvio do caminho perseguido pelo artigo para salientar que entendemos como instrumento da organização dos trabalhadores os movimentos sociais, os sindicatos de trabalhadores e os partidos que buscam a revolução socialista. Reafirmamos isso para não nos deixarmos cair no canto da sereia reformista de que é possível tomar aparatos imanentes da burguesia, como o Conselho Profissional, por dentro e utilizá-los a nosso favor. Essa defesa, equivocada, ganha eco em uma parcela da Educação Física brasileira que, pelo menos em outros momentos, reivindicava o *materialismo histórico dialético*, como é o caso do professor Lino Castellani Filho (in COLETIVO DE AUTORES, 2012) que afirma:

Há uma questão ligada à regulamentação da profissão que digo aqui – e sei ter gente que sente arrepio quando falo isso – não ter dúvidas de que mais hora menos hora nós teremos que fazer a luta *por dentro* do sistema Confef/Crefs com vistas a dar-lhe sentido progressista. Alguém vai assumir essa luta por dentro, não serei eu, estou fora disso, mas o desafio que está posto é de outra ordem que não a de pleitear a revogação da lei que criou o sistema... O quadro político sinaliza algo diferente disso e do mesmo jeito que, num determinado momento, nós fomos disputar a hegemonia do CBCE, até então nas mãos dos médicos e da visão biomédica de ciência, vamos ter que fazer o enfrentamento *por dentro* do sistema Confef/Crefs para dar outra direção e sentido à ocupação dos espaços políticos que hoje ocupa reforçando o campo conservador, retrógrado, da sociedade. (p. 193)

Essa passagem acima é de cunho idealista, pois foge totalmente à realidade concreta. O referido professor (e aqueles que comungam dessa ideia) desconhece ou ignora o real significado histórico corporativista a que servem os conselhos profissionais, ignora ou desconhece todo o histórico de constituição, estatutos, regimentos internos, resoluções e documentos do próprio sistema CONFEF/CREF que – mesmo que fosse imaginável esse conselho a favor dos trabalhadores – não permite oposições de esquerda, quão menos as tomadas *por dentro* as quais faz questão de destacar em sua fala<sup>6</sup>, ou, por final, ignora um vasto acúmulo de produções acadêmicas (artigos, trabalhos de conclusão de curso, livros, dissertações de mestrado, teses de doutorado, dentre outras produções) que comprovam ser essa tese extremamente equivocada, no plano das bandeiras históricas da classe trabalhadora. (NOZAKI, 2004; COIMBRA, 2009; RODRIGUES, 2011; DIAS JUNIOR. e LIMA, 2011; para apenas citar alguns). Configura-se como uma postura antimaterialista. Ademais comparar uma entidade científica como o

CBCE com constituição, propósitos e fins distintos aos do sistema CONFEF/CREF demonstra a leviandade da tese do professor.

Retomando o centro deste trabalho expressamos que outros movimentos sociais de esquerda, que não possuem a especificidade da Educação Física, são *lôcus* importantes de militância. Portanto, podemos e devemos organizar, para além dos trabalhadores da nossa profissão, a nossa categoria, e essa organização se dá, principalmente, através dos sindicatos. “As organizações operárias para a luta econômica devem ser organizações sindicais. Todo operário social-democrata deve, no que for possível, apoiar essas organizações e trabalhar ativamente nelas.” (LENIN, 2010, p. 183), com a licença de trocar as palavras *todo operário social-democrata* para todos *trabalhadores socialistas* a frase de Lênin permanece mais atual do que nunca. O sindicato é um dos principais instrumentos para intervirmos e contribuirmos na educação das massas; é uma ferramenta indispensável para se fazer o embate econômico.

E, por fim, os partidos de esquerda. São nos partidos que fazemos, em última instância, a luta política internacionalista contra o modo de produção capitalista e em favor da *ditadura do proletariado*. Sem dúvidas é o ponto mais polêmico dentro da nossa temática, principalmente devido às diferenças de entendimento quanto às táticas a serem adotadas e as concepções de partido dentro do conjunto da esquerda brasileira. Nesse ponto podemos dialogar e travar o debate em outros momentos, vide os limites do presente artigo. No entanto, apesar das divergências táticas temos certeza que o horizonte buscado é o mesmo, o comunismo. Afirmamos que um enorme salto qualitativo na compreensão da tese que aqui defendemos é a inserção daqueles que reivindicam o materialismo histórico dialético em um partido revolucionário.

Temos claro que o *telos* que perseguimos nos aproxima e, portanto, a unidade de ação da Esquerda da Educação Física é fundamental nos pontos que nos unem. Para tanto, enquanto defensores da Pedagogia Histórico-Crítica e da abordagem crítico-superadora, afirmamos que essa unidade na ação só poderá ser dada no plano do concreto, no plano da atividade militante, ombro a ombro com aqueles que estão do lado dos trabalhadores.

Para encerrar esse primeiro fomento ao debate, reafirmamos aqui que é extremamente importante a luta pela socialização do conhecimento, tal qual dos demais meios de produção existentes na sociedade. Muitos professores têm, nas últimas décadas, fomentado contribuições importantes no debate teórico. No entanto, devemos incorporar à luta, cada vez mais, outros aspectos organizativos. Assim, reivindicar a Pedagogia Histórico-crítica/abordagem crítico-superadora e se esforçar para organizar-se para além da luta teórica, faz parte de uma tarefa premente a todos nós.

### **Referências bibliográficas**

CARNEIRO, Henrique. A universidade Tecnocrática e a rebelião estudantil. In: BIANCHI, Álvaro (Org.). *Transgressões: as ocupações de reitoria e a crise das Universidades Públicas*. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

- COIMBRA, Tatiane Carneiro. *O Reordenamento no mundo do trabalho e a precarização do trabalho do professor de educação física: mediações da mercadorização da cultura corporal*. 2009. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. 14 reimpr. São Paulo: Cortez, 1992.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- DIAS JUNIOR, Elson Moura; LIMA, Thiago Firmino de (orgs). *MNCR: 10 anos na luta pela regulamentação do trabalho*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.
- DUARTE, Newton. Luta de classes, educação e revolução. In: SAVIANI, Dermeval; Duarte, Newton (Orgs.). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas, SP: Autores associados, 2012.
- KUENZER. Acácia Zeneida. Desafios teórico metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.) *Educação e crise do trabalho: Perspectivas de final de século*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2. ed., São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- MARTINS, André Silva. Sobre a função e especificidade da educação escolar no mundo contemporâneo. In: REIS, Adriano de Paiva; PEREIRA, Carla Cristina Carvalho; PINA, Leonardo Docena; Landim, Renata Aparecida Alves (Orgs.). *Pedagogia Histórico-Crítica e Educação Física*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.
- NOZAKI, Hajime. *Educação Física e Reordenamento no Mundo do Trabalho: Mediações da regulamentação da profissão*. 2004, 399f, Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- REIS, Adriano de Paiva; PEREIRA, Carla Cristina Carvalho; PINA, Leonardo Docena; Landim, Renata Aparecida Alves (Orgs.). *Pedagogia Histórico-Crítica e Educação Física*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.
- RODRIGUES, Lionel dos Santos Feitosa. *Sistema CONFEF/CREFS e as novas estratégias de cooptação dos trabalhadores da Educação Física*. 2011, 199f, Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- SADER, Emir. Pensar para transformar o mundo. *Caros Amigos*, São Paulo, n.141, p.42, dez. 2008.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações*. 6 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 38.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SAVIANI, Dermeval. História, trabalho e educação: comentário sobre as controvérsias internas ao campo marxista. In: SAVIANI, Dermeval; Duarte, Newton (Orgs.). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas, SP: Autores associados, 2012.
- TAFFAREL, Celi Neuza Z. Crítica às proposições pedagógicas da Educação física. *Germinal*, Londrina, n.6, mar. 2009. Editorial. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/germinal/n6-032009.htm#um>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

---

### Notas:

<sup>1</sup> Mestre em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e licenciado em Educação Física (UFJF). Membro do Grupo de Estudos do Trabalho, Educação Física e Materialismo Histórico – GETEMHI.

---

Professor efetivo do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: [tbarretomaciel@gmail.com](mailto:tbarretomaciel@gmail.com).

- <sup>2</sup> Saviani (1997) irá “situar o ano de 1979 como um marco da configuração mais clara da concepção histórico-crítica. Em 1979 o problema de abordar dialeticamente a educação começou a ser discutido mais ampla e coletivamente.” (p.83)
- <sup>3</sup> Cabe ressaltar que o Coletivo de Autores (1992), obra que propõe inicialmente de forma mais sistematizada a abordagem crítico-superadora, foi construído em determinado tempo histórico e devido às tarefas impostas e ao grupo que se reuniu para construí-lo houve influência de referenciais teóricos não tão homogêneos, tais como a pedagogia freireana e a pedagogia histórico-crítica, o que provocou algumas lacunas e imprecisões teóricas. Foi uma obra feita a doze mãos e que cumpriu o seu dever histórico à época e ainda contribui muito na atualidade, no entanto consideramos que enquanto abordagem metodológica, passados mais de 20 anos, houve produções e avanços qualitativos *a posteriori* por vários professores que reivindicam o materialismo histórico-dialético. É necessário entender a obra Coletivo de Autores (1992) ao seu tempo, mas não deve-se entender a abordagem crítico-superadora estanque no tempo, uma vez que passa a ser patrimônio coletivo daqueles que a reivindicam e cotidianamente a fazem avançar quantitativamente e qualitativamente, lapidando as lacunas de outrora. Um balanço do tempo feito pelos próprios autores da obra se encontra no posfácio da edição mais recente (COLETIVO DE AUTORES, 2012).
- <sup>4</sup> Esse distanciamento da militância faz por incorrer em vários equívocos. Dentre eles podemos citar um exemplo histórico, quando “(...) o famoso Instituto de Pesquisa Social, em Frankfurt, na Alemanha, foi ocupado por estudantes rebeldes, em 31 de janeiro de 1969, [e] o seu diretor e fundador, Theodor Adorno, chamou a polícia.” (CARNEIRO, 2008, p.38)
- <sup>5</sup> Disponível em < <http://www.diarioliberalidade.org/opiniom/opiniom-propia/43918-as-jornadas-de-junho-abriram-uma-situa%C3%A7%C3%A3o-pr%C3%A9-revolucion%C3%A1ria.html> >. Acesso em 15 fev 2014.
- <sup>6</sup> Uma manifestação pequena, mas que nos traz uma ideia do que afirmamos aqui é o fato do presidente do CONFEEF, senhor Jorge Steinhilber, representante da ala mais à direita do conselho, estar no mesmo cargo há praticamente 17 anos.

Recebido em: 12/03/2015

Publicado em: 30/04/2017